



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

ASSENTAMENTOS DA HERANÇA AFRO-PORTUGUESA NAS MARGENS DOS RIOS DA GUINÉ

MAURÍCIO WILSON CAMILO DA SILVA¹

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo discutir sobre as praças e os edifícios da herança afro-portuguesa, que surgiram com as feitorias e vilas nos arredores dos Rios da Guiné. Para isto, levaremos em consideração as identidades que apareceram junto com essas construções, bem como as suas dinâmicas, enquanto espaços de relações econômicas, sociais e políticas. As terras marcadas historicamente pelas relações de comércio e conflito entre diferentes povos atualmente se entende como herança. Este legado é configurado por diversas identidades, que emergiram em diferentes períodos e lugares, assumindo significados diferentes na memória dos povos que atualmente ocupam estes espaços. Sendo assim, torna-se importante abordar os contextos políticos e econômicos que influenciaram a construção destes lugares, assim como as possibilidades que foram criadas para a consolidação das relações. Estas conexões surgiram com a construção da identidade afro-portuguesa, em um contexto onde havia o incentivo para a ocupação portuguesa, culminando posteriormente em demandas para a edificação dos espaços chamados de praças e vilas.

Palavras Chave: Identidade Afro-portuguesa; relações culturais; e construção dos espaços.

INTRODUÇÃO

As praças e os edifícios da herança afro-portuguesa, nos arredores das antigas feitorias e vilas na atual Guiné Bissau², são os focos da demonstração neste trabalho. Para melhor abordarmos este tema, dois pontos serão levados em consideração. O primeiro diz respeito às relações com as identidades que emergiram nesse território em diferentes períodos históricos. O segundo trata sobre os diferentes papéis que elas assumiram e significaram para as sociedades que ocupam estes mesmos povoados e vilas, que mais tarde se fundaram como parte das pequenas cidades.

¹ Arquiteto e Urbanista pela FAU UFRJ e Pesquisador associado ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa em Guiné Bissau .E-mail: nae.ufrj@gmail.com.

² O nome Guiné (Genna, Ghenea, Ginea, Gueni, Guinea, Jenni, Genni, Jinne, Djienne, Djénné) referia-se a uma povoação indígena, fundada por volta de 1040, nas margens do Níger. Ela situava-se ao sudoeste de Tumbuctu, por onde passava o ouro em direção ao Mediterrâneo. Guiné foi um importante centro comercial, capital do antigo império Fula, detentora do comércio de ouro e homens para serem condicionados ao trabalho sem remuneração (RESENDE, 1994, p. 91).



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

O território da herança afro-portuguesa, onde hoje se situa a Guiné Bissau, compreendia a terra dos povos que assentavam no litoral³. Isto ocorreu até a chegada dos Mande (Mandinka), que vieram do Alto Níger (PAIGC, 1974) e criaram Farim Kaabu⁴. Este território fazia parte do Império de Mali⁵, fundada no século XIII com a queda do Estado de Ghana⁶, que se deu mais ao Leste no século XI.

Durante a queda do Mali, no século XVI, esta província se proclamou Reino de Kaabu⁷, sendo a última deste império a sofrer influência religiosa deixada pelos dominadores muçulmanos Almoravidas⁸ e mais tarde pelos muçulmanos Fulas⁹.

No período da queda do Mali, no século XVI, surgiu o Império de Songhay¹⁰, que passa a dominar o território Leste sem grandes influências em Kaabu. Isto se modificou com a

³ O perímetro litorâneo da atual Guiné Bissau está ocupado pelos Bijagó, Mancanhe, Mandjaku, Beafadas, Nalo e outros grupos registrados desde século XIII, durante a chegada dos Mande.

⁴ Termo Farim foi muito utilizada para dar referência aos chefes e representantes de Mansa do Mali que cobravam tributo em diferentes locais deste império e seus arredores. Mas do mesmo modo que o termo referia aos chefes, com o tempo passou a dar nome à estes territórios, sendo assim chamado o Reido de Kaabu, Farim Kaabu.

⁵ Estado Malinke que sucedeu Ghana na Costa Oeste Africana, entre os séculos XIII a XIV, chegando ao seu apogeu com o Kankun Mussa e marabuts Diakhanka (PAIGC, 1974).

⁶ Este Estado já existia provavelmente desde 300 a.c., dirigido até 770 pela *dinastia dos Magas*, uma realza da costa africana chamada *Soninke*. Neste mesmo período expandiu o reino sob a autoridade do Kaya Maghan Sisse, que só mais tarde (790), se tornou Mansa. O Estado de Ghana tinha o centro de poder em Koumbi Saleh, na borda do deserto do Saara e os seus vestígios acabaram praticamente nos anos 1240, sendo herdado pelo Império do Mali (LIMA, 1988, pp. 16-25).

⁷ Província do Império do Mali que surgiu com a ocupação do Tiramakhan Traore, na parte de atual Guiné Bissau, e tornou-se reino. Sua identidade Kaabunke era regulamentada pela ancestralidade até a sua queda, que ocorreu devido aos conflitos internos e ao ataque dos Fulas (LIMA, 1988; DIAS, 2003; LOPES, 2003).

⁸ Dinastia árabe-muçulmano, que unificou sob o seu domínio grandes extensões no ocidente, entre os séculos XI e XII, e chegou a estender o seu domínio na parte de Mauritània e do Saara Ocidental, onde provinham o Marrocos e a parte do Sul da península Ibérica. Contribuíram para a queda do Estado de Ghana, quando controlaram o centro norte da Kumbi Saléh e o comércio de Ouro em direção ao Norte de África (BEN HAMADI, 2003).

⁹ Grupo responsável pela propagação do islã na costa da Guiné, a partir do século XVIII. Os Fulbe vieram da Síria atravessando pelo Baixo Egito até centro o africano, onde se expandiram para o Oeste e o Oriente deste continente (MOREIRA, 1971).

¹⁰ Reino do povo Songhay, que assumiu parte Leste do Império do Mali entre 1464 a 1591, cujo líder, Sonni Ali Kolen, tinha Gao como o centro de poder no território da atual República do Mali. Esse povo foi derrotado na Batalha de Tondibi pelos Marroquinos, em março de 1591, sob o comando de El D'Jouder. Ele se instalou em Tombuctu, de onde enviava riquezas como: camelos carregados de ouro bruto, pimenta, chifres



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

chegada dos portugueses, no século XV, cuja instalação no litoral se tornou significativa com a criação da feitoria¹¹ de Cacheu, em 1558. Ainda neste período, o reino de Kaabu era sólido, até 1867, com a sua última resistência à dominação Fula no seu embrião do poder dos Nyantios em Kansala, no interior da atual Guiné Bissau (PAIGC, 1974).

Neste território, assim como os *Fidjus di Terra*¹² e os Almorávidas, que ocuparam do centro ao Sul de Ghana e contribuíram na formação da classe Mansaya e controladora do poder Malinke do Império do Mali, os ocupantes afro-portugueses também deixaram as suas colaborações através da produção de diversos tipos de edificações. O local ganhou importância mais notavelmente quando as suas dependências deixaram de ser controladas a partir da Ilha de Santiago (1879), tornando Bolama a capital dos interesses portugueses na costa, até a mudança da capital para Bissau (1941). Com a proposta de novos bairros agregados a esta antiga vila, logo na segunda guerra (1939-1945), além de ganhar o estatuto de cidade, ela se desenvolvia muito além dos limites da velha fortaleza de São José de Amura, que se tornou organizada com a criação do Gabinete de Urbanismo Colonial (1944). Posteriormente, prosseguiu-se com o levantamento aerofotogramétrico e topográfico nas localidades da antiga Guiné Portuguesa (1920-1973), criando as zonas próximas aos diferentes povoados que vieram a ser elevados às categorias de vila e cidade.

Neste sentido, nos interessa a demonstração do contexto no qual esses espaços surgiram e as suas determinadas funções nas relações econômicas e políticas. Isso se inicia a partir da presença dos portugueses na costa da Guiné em interação com os

e uma espécie de madeira utilizada para tingir tecidos, além de cavalos, eunucos, anões e homens em condições de trabalho forçado para o Marrocos (PAIGC, 1974).

¹¹ Os presídios, as praças fortificadas e fazendas ou pontas agrícolas, criadas entre séculos XVI a XVIII para cultivo baseada no processo de colonização, eram chamados de benfeitorias (CARREIRA, 1984).

¹² Termo comum na língua crioula para dar referência aos filhos de terra, os que nasceram na atual Guiné Bissau e que muitas das vezes foram nomeadas como nativo pelos autores da literatura colonial portuguesa.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

agentes locais, o que, mais tarde, veio a tornar-se parte da condição para a ocupação portuguesa em parte desta terra.

1.1. As margens dos Rios da Guiné

Os Rios da Guiné eram áreas litorâneas entre os rios Sene, Salum, Gambia, Casamansa, Cacheu, rio grande de Buba, Guinala, Nuno e Pongo e Serra Leoa. O referido estudo destaca as regiões que compreendem o território da atual Guiné Bissau, situado na África Oeste, com Senegal ao Norte, Guiné-Conakry ao Sul e Leste, e com Oeste banhado pelo Oceano Atlântico. As coordenadas geográficas são limitadas de Cabo Roxo (latitude 12° 20' Norte) à Ponta Cagete (latitude 10° 59' Norte) e entre os meridianos 13° 38' e 16° 43' W, com uma Superfície de 36 125 Km².

2. IDENTIDADES EMERGENTES NOS RIOS DA GUINÉ

Durante diferentes períodos históricos, principalmente nos séculos XIII a XIX, várias identidades se destacaram nas margens dos rios da Guiné. Uma região conhecida como parte de Senegâmbia¹³, por exemplo, foi nomeada Alta Guiné, cujo território compreendia regiões litorâneas de São Luís, na atual Senegal, até Serra Leoa. A delimitação territorial da Guiné Bissau, enquanto resultado da divisão política de convenção luso-francesa, não levou em consideração as relações sociais e culturais dos povos locais, influenciando posteriormente a separação dos grupos sociais e favorecendo a submissão de critério político com privilégio aos colonizadores e em detrimento dos habitantes locais.

¹³ Conforme Eduardo Costa Dias (2003) e outros autores, a Senegâmbia compreendia a região que ia do rio Senegal aos Rios do Sul, até o interior sudanês (Sudão Ocidental), iniciada no século XV. Nas versões maximalistas, a Senegâmbia estende-se do rio Senegal ao rio Pongo, no atual Guiné Conakry; sobre o rio Kolente, na Serra Leoa; do Atlântico até ao Bambouk e aos contrafortes do Futa Djalón (Barry, 1990; Mané, 1979. Person, 1974). Nas versões minimalistas, a Senegâmbia histórica é delimitada ao Norte pelo Rio Senegal e ao Leste pelo seu afluente Falamé, englobando as bacias hidrográficas dos rios Gâmbia, Cassamance, Geba e, para alguns autores, também a do rio Corubali (Diouf, 2001).



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Neste caso, partimos das limitações, na afirmação da emergência de quatro entidades historicamente dominantes no espaço dos rios da Guiné: malinke¹⁴, kaabunke¹⁵, afro-portuguesa¹⁶ e cabo-verdiana¹⁷ (LOPES, 2003). As duas últimas são fundamentais para a explicação da dinâmica histórica, que se funda com a produção dos assentamentos, cujos elementos apresentam a cultura africana e costume trazida pelos portugueses.

2.1. Identidade Afro-Portuguesa

Conforme Carlos Lopes (2003), em contraste com a dominação Kaabunke a partir do *hinterland*¹⁸, as novas dinâmicas de poder começaram a se desenvolver junto à costa dos Rios da Guiné. Neste local, a presença europeia expandiu-se a partir do século XV, com o interesse da coroa portuguesa que tinha como objetivo preservar o controle do comércio.

Este sociólogo e historiador guineense assinala que desde muito cedo limitou-se o acesso à costa através de regulamentações precisas, nomeadamente relativo à estadia dos navios mercantes e à criação de uma administração a partir das Ilhas de Cabo Verde, cuja ocupação se deu início com uma forte presença dos africanos mantidos na atividade do trabalho forçado não remunerado e aqueles que foram como comerciantes¹⁹. Carlos Lopes reforçou que a Ilha de Santiago ocupou um papel primordial no desenrolar destes acontecimentos, sobretudo, quando em 1466, os habitantes foram autorizados a negociar

¹⁴ A nação é normalmente uma plataforma de consenso que legitima o poder. Nos Malinke, o sufixo *nke* exprime justamente esta ideia, servindo para designar tanto os povos como o território, já que ambos são atributos de um poder legitimado.

¹⁵ Identidade do reino de Kaabu.

¹⁶ Crioulos, filhos dos portugueses que nasceram na colônia. Alguns são frutos da miscigenação com etnias locais.

¹⁷ Crioulos, cuja origem se deu pela formação da identidade de pretos e brancos em Cabo Verde, nomeadamente na Ilha de Santiago.

¹⁸ Denominação usada por *Piter Mende* na referência ao interior de Kaabu, o que na literatura alemã significa interior duma terra do porto ou região menos povoada de um determinado território.

¹⁹ Área conhecida como atual Dakar (Capital do Senegal), as ilhas de Cabo Verde já se encontravam povoadas pelos Wolofs e Walos.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

na costa. No entanto, já em 1462, como consequência do arrendamento dos tratos de Guiné (1468), o resgate de Homens escravizados foi restringido ao número necessário para o povoamento das Ilhas e o cultivo nos campos. Além disto, apenas podiam utilizar nas trocas os produtos do próprio arquipélago, que se reduziam naquela época ao algodão e cavalos. Pretendia-se assim facultar aos habitantes das Ilhas de Cabo Verde uma participação nos lucros do negócio de terra firme sem deixar de acautelar os interesses da coroa ou dos contratadores, cujo negócio se alargava pelas costas da Guiné, Serra Leoa e da Malagueta (LOPES, 2003).

Estavam sendo criados os germes de duas contradições importantes: a criação de uma identidade nova, centrada no povoamento cruzado das ilhas de Cabo Verde entre brancos europeus e africanos - chamados de negros²⁰ -, e o desenvolvimento de interesses distintos entre a coroa e os súditos habitantes da sub-região Oeste africana. Conforme Carlos Lopes estas contradições vão acabar por dar origem à emergência de novas identidades, como a última da sub-região, que tinha como papel a ligação da coroa com os moradores do interior. Isto foi reforçado pelos indivíduos que tentavam distanciar o controle da coroa portuguesa, por serem foragidos da lei ou simplesmente perseguidos religiosos, cujo passado nomeadamente judeu em nada comprovava para o seu reconhecimento. Dentre estes sujeitos destacaram-se os Lançados²¹ (ou Tangomau), cujo papel foi fundamental no comércio de homens que foram condicionados ao trabalho forçado e não remunerado. Eles constituíram a primeira cadeia de ligação entre os poderes locais e a presença europeia no litoral da costa Oeste africana, numa altura em que esta teia ainda não se tinha transformado em dominação territorial. Como fruto de várias alianças, os Lançados criaram mestiçagens fortemente associadas a interesses

²⁰ Pretos africanos que eram mantidos sob a condição de trabalho sem remuneração, cujos direitos eram negados pelos portugueses e demais europeus das Ilhas de Cabo Verde.

²¹ Lançados ou Tangomau eram os intermediários das primeiras cadeias de ligação entre os poderes locais e os portugueses, na época em que não havia ainda a dominação territorial (SOARES, 2000).



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

comerciais, estando também, indiretamente, na origem do estabelecimento de uma língua franca na sub-região, o crioulo²².

Várias características eram notáveis na definição da identidade afro-portuguesa. Apesar da prática de religiosidade católica, a comunidade mestiça tinha uma forte influência de rituais religiosos de povos como Brames, Beafadas, Diolas e Mndinkas, que se encontravam nas margens dos rios da Guiné, nomeadamente nas regiões de Cacheu, Ziguinchor, Bissau, Bolama, Geba e Buba. As suas roupas, as suas canções de tradição oral, a forma de construir suas casas e os seus hábitos de consumo refletiam a relação euro-africana.

Na sua referência às sociedades imaginárias, Benedict Anderson interpreta a cultura crioula²³ como um processo de assimilação dos elementos europeus. Para Carlos Lopes (idem) parece mais correto fazer uma análise das influências vindas dos dois lados, já que através da língua crioula se pode facilmente chegar à definição deste binômio. Em termos de educação, provavelmente o número de letrados era muito reduzido, transmitindo atitudes e cultura através de ensinamentos passados de mais velhos para jovens por meio das reuniões familiares ou ditos pelo *Dieli* (griot), acompanhados de sons de músicas destes mesmos grupos sociais, principalmente os Mandinka. Mas, Carlos Lopes insiste que os princípios de organização social e as relações familiares distanciavam-se das formas africanas, como o direito de herança que não seguia a linhagem matrilinear.

No auxílio aos governadores recrutados junto às feitorias, originou-se uma classe específica de intermediários familiarizados com os hábitos europeus e pertencentes ao

²² Língua que surgiu no contexto de criação da identidade afro-portuguesa com base léxica portuguesa e influência das línguas de grupos sociais locais, como: manjaco, mancanha, mandinga, beafada e wolof (ROUGE, 1986).

²³ *Creole (Crioula ou Crioulo)*, pessoa de descendência europeia pura, mas nascida no território da colonização ou qualquer lugar fora da Europa. Benedict R. Anderson: Comunidades Imaginadas, p.84.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

núcleo dos considerados próximos da influência e da cultura Portuguesa. Os chamados de grumetes²⁴ contribuíram de forma significativa para o fortalecimento da comunidade afro-portuguesa, também chamada por alguns autores de luso-africana, sobretudo nas feitorias de Ziguinchor e Cacheu (LOPES, 2003).

Neste momento, na costa, a estratificação entre Mansas e Homens que foram condicionados ao trabalho forçado no *hinterland* sobrepunha-se à nova hierarquia entre grumetes e gentios²⁵. Os grumetes, servindo de *primus inter pares* da presença comercial europeia, são peças indispensáveis do novo xadrez que se vai instalar na região. O gentio, representava uma espécie de fronteira social entre os integrados e os não integrados no controle ou influência da civilização costeira (LOPES, 1993).

Nomes como Caetano Nozolini²⁶, João Pereira Barreto²⁷, Rosa Carvalho Alvarenga²⁸, Honório Pereira Barreto²⁹, Aurélia Correia³⁰, vão se destacar na história dos Afro-Portugueses, que conforme Carlos Lopes mantiveram boas relações com a coroa

²⁴ Os grumetes decorrem da presença europeia, constituem a categoria social que articula a relação social que os mestiços ou próximos da “civilização portuguesa” estabeleceram com as populações locais, aparecendo como porta-vozes junto do branco ou do cabo-verdiano (LOPES, 1993).

²⁵ Foram os que rejeitaram a assimilação portuguesa, o gentio rotula todas as populações em torno dos não integrados na “civilização portuguesa” (idem).

²⁶ Caetano José Nozolini, nascido em 11/7/1799, falecido em 11/7/1850. Casou com a rainha Aurélia Correia, da ilha de Orango. Foi capitão Mor da Guiné entre 1829 a 1834 e dominara o comércio do Geba e grandes Rios entre 1830 e 1840. Disponível em < <http://www.barrosbrito.com/4688.html> >. Acesso em 31 de Jan. de 2014.

²⁷ Oficial militar cabo-verdiano, filho de um padre cabo-verdiano e uma escrava guineense, possivelmente de origem Felupe. Comandara postos administrativos de Ziguinchor e Cacheu e estabeleceu uma rede de relações de patronagem com as comunidades africanas vizinhas de Felupes (Djolas) e Papéis.

²⁸ Também chamada de Dona Rosa de Carvalho Alvarenga, pelo status, de Dona Rosa de Cacheu ou Nha Rosa, em Kriol. Foi descendente do mais preeminente gã do presídio de Ziguinchor. O uso do termo “dona” em português, indica sua inclusão na classe dos “notáveis” locais, intimamente associadas com a administração colonial e o comércio de homens em condição de escravo e outros produtos da época. Foi esposa de João Pereira Barreto e mãe de Honório Pereira Barreto e Maria Pereira Barreto (Esteves, 1988).

²⁹ Filho de Nha Rosa e João Pereira Barreto, nasceu em Cacheu em 1813 e estudou em Portugal. Com a morte do pai, em 1829, foi chamado de volta à Guiné para assumir o lugar e os negócios da família. Junto da mãe, determinou o destino da companhia comercial criada pelo pai e desempenhou um papel dominante nos assuntos administrativos da região naquela época (Esteves, 1988).

³⁰ Dona Aurélia Correia ou Rainha Aurélia, mulher de Caetano Nozolini, que fundou uma feitoria na Ponta Oeste, em Bolama durante 1835 (Campos, 2012).



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

portuguesa e tinham propriedades agrícolas cultivadas pelos homens que não recebiam pelos seus trabalhos na produção da cana-de-açúcar, e posteriormente a cultura de mancará (amendoim).

3. ARQUITETURA E URBANISMO NAS MARGENS DOS RIOS DA GUINÉ

3.1. Assentamentos da Herança Afro-Portuguesa nos Rios da Guiné³¹

A presença portuguesa se deu pelas margens dos rios da Guiné, pouco significativa nos primeiros momentos após a chegada do Nuno Tristão, em 1446. A partir de 1582, em São Domingos, na margem do rio Cacheu, o Sarmento Mor Francisco de Andrade funda a feitoria real de Buguendo, na margem esquerda e na direita o povoado de Cacheu, entre 1583 e 1596. Na segunda metade do século XVII, com base de apoio nas atividades comerciais surgiram Ziguinchor, Farim, Geba e Bissau. Nesta altura, esses sítios eram denominados feitorias e os rios da Guiné compreendiam as áreas litorâneas entre rios Sene, Salum, Gambia, Cassamansa, Cacheu, Grande de Buba ou Guinala, Nuno, Pongo e outros. E as rias compreendiam as regiões costeiras de Sul do Senegal ao rio Orange, na atual Namíbia (CARREIA, 1984).

Segundo este autor até o século XVIII, as praças e presídios de Ziguinchor, Cacheu, Farim, Geba, Fá, Bissau e Santa Cruz de Guinala não tinham grande significado político ou comercial. Alguns sítios como Boguendo, Bichangor e Bugam eram lugares de fixação e fuga, que vieram a desaparecer devido à falta de condições para a sobrevivência dos ocupantes.

³¹ Tema que vem a ser estudado em etapa no âmbito dessa mesma pesquisa desde Agosto de 2011. Por se tratar de um vasto período de tempo e de diferentes territórios, será demonstradas em diversas apresentações e publicações.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Ele reforça ainda que na primeira fase da ocupação as praças e presídios eram instalados geralmente no litoral, nas margens dos rios, com espaços limitados, que formavam pequenos povoados comerciais dos europeus, *fidjus di tchon* e místicos cabo-verdianos. As construções eram palhotas cobertas a colmo, só mais tarde surgiu a cobertura de telha de barro e chapa de zinco ondulado. Era raro o aparecimento de fortins e fortes, pela carência na obtenção do pedaço de terra que se ocupara, uma vez que era arrendada com a autorização de um ancião entre os donos da terra.

3.2. Povoados e feitorias

Alguns apontamentos oficiais dos anos 1697 a 1699 mostram que o povoado de Farim foi criado por Gonçalo de Gamboa de Ayala, por volta 1642 a 1647, mas sem qualquer proteção em relação às ataques de demais Tabankas³². Isto tornava fácil o enfrentamento com os constante ataques dos mandinka, apesar da proteção criada em 1696, com um conjunto de três baluartes frágeis que vieram a ser construídos (ESTEVES, 1988a).

Um dos cenários que marcou a colonização portuguesa no território da Guiné, neste primeiro período, foi o início da construção da primeira fortaleza de Bissau, em 1696, cuja nomeação seria “Nossa Senhora da Conceição”, a mando do Conselho Ultramarino (MOTA, 1989).

Este autor sinaliza que o capitão-mor da ilha de Bissau, João Pinheiro, foi quem afirmou o ato de compra da terra para a implantação da mesma edificação, pela assinatura de 2 de Janeiro de 1697, por Santos Vidigal e pelo Issy³³ de Bissau Insinha Té, cujos homens impediam a construção desse edifício, através da proibição do abastecimento de água aos portugueses.

³² Termo usado na língua Mande para dar referências às ocupações características do Fidjus di Tchon, constituídas de vários aglomerados concentrados ou dispersos, com construções de palhotas cercadas de áreas para a prática agrícola e habitadas por uma ou mais famílias, geralmente da mesma linhagem.

³³ Referente ao responsável pela distribuição de terra entre os Beafadas da Ilha de Bissau.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Entre 1842 a 1845, com a cultura de mancará (amendoim) lançada na Península de Quinara, através de sementes trazidas do Senegal, 112 feitorias agro-comerciais foram lançadas. Estas se referem-se às fazendas agrícolas, chamadas pontas de estrangeiros, a maioria de posse de portugueses e outros europeus. Poucos mestiços e Fidjus di Terra tinham negócios próprios, já que o controle do comércio foi dominado pelos ocupantes europeus. Milhares de toneladas que eram levadas e exportadas pelo porto de Bolama possibilitaram o progresso urbano naquela cidade, na ilha do mesmo nome, denominada Burgo³⁴, o centro administrativo e político do território que posteriormente tornou-se Guiné Portuguesa.

Os ataques provindos de guerras constantes entre Mandinka e Beafada contra os Fulbé e a exigência dos guerrilheiros, que dominavam estas áreas, contribuiu para o encerramento das referidas fazendas, entre 1885 a 1887 (CARREIRA, 1984).

3.3. Gabinete do Urbanismo Colonial e Vilas do período colonial

Com a mudança da capital colonial de Bolama para Bissau, em 19 de Dezembro de 1941, ainda com ocupação em crescimento desordenado e muito além da fortaleza São José, havia a necessidade de reestruturação através de um plano que se iniciou em 1944, com a criação do Gabinete de Urbanização Colonial (GUC). Este trabalho primeiramente se ocupou do levantamento topográfico que envolveu todo território na época, criando uma zona envolvente em Bissau (MILHEIRO, 2009).

³⁴ Burgo é uma divisão administrativa em vários países. Em princípio, o termo designa uma cidade murada autogovernada, embora, na prática, o uso oficial do termo varia amplamente. A palavra vem do latim *burgus*, que significa "pequena fortaleza, povoado", que pelo germânico *burgs* ficou cidadela fortificada, conforme o dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa (HOUAISS, ANTONIO, 2009).



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Ana Vaz Milheiro peforçou que o GUC³⁵ foi responsável pela execução dos projetos de arquitetura e urbanismo, através do Decreto nº 34 1973, ao sustentar que essa mesma instituição, com sede em Lisboa, destinava-se a realização de projetos de arquitetura e urbanismo para colônias de África, incluindo a Guiné Bissau, antiga Guiné Portuguesa. Salientou ainda que a política colonial portuguesa referente à arquitetura no século XX, que só se desenvolveu a partir da criação do GUC, apenas privilegiou as obras com referência à cultura moderna.

Estas mudanças coincidiram com a ocupação do cargo de ministro, por Marcelo Caetano (1950 a 1955), que teve como consequência, em 1951, a alteração do nome do Ministério das Colônias para Ministério do Ultramar (MU) e nova nomenclatura para entidade, Gabinete de Urbanização do Ultramar (GUU).

O desenvolvimento da arquitetura moderna nessa província³⁶ foi marcado pelo governo de Manuel Maria Sarmiento Rodrigues, oficial da Marinha portuguesa, destacado por Marcelo Caetano, antes do final da Segunda Guerra, pouco depois da criação do GUC. Coincidindo o seu governo com o arranque do Gabinete, a sua atuação permitiu a execução de edifícios públicos e em grande escala.

Na primeira sessão do Conselho de Governo, em 3 de Julho de 1945, Sarmiento apresentou estratégias e uma lista de obras projetadas. Desta lista faziam parte às construções do Palácio do Governo e Sé Catedral para Bissau, capelas de Catió, Bafatá, Canchungo, Mansoa e Gabu, moradias projetadas para funcionários, o monumento ao Esforço da Raça e edificação da Praça do Império, ambos naquela capital. Algumas foram construídas no período e outras em tentativas dispersas pelo território (MILHEIRO, 2009).

³⁵ Entidade criada em 6 de Dezembro 1944, por Marcelo Caetano, então ministro das Colônias até 1947.

³⁶ Com a criação do Império Ultramarino Português, os territórios da colonia portuguesa na África passaram a ser chamadas de província.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

No segundo período da atuação do Gabinete de Urbanização Ultramarina (GUU), para planejamento e execução das suas obras na África que os portugueses eram mais presentes, os autores foram participar de um curso de arquitetura tropical, lecionado na Architectural Association (AA), em Londres. Um dos primeiros beneficiados, logo na abertura do curso foi Luís Possolo, em 1954.

Ana Vaz Milheiro aponta que embora não fosse hábito dos arquitetos do Gabinete propor técnicas construtivas locais, confirmavam o conselho dos professores britânicos em colher ensinamentos na experiência secular dos Fidjus di Terra. Isto se justificava na ideia de que os seus hábitos em matéria de construção correspondiam, muitas vezes, a concepções que se antecipam da própria academia (Idem, p. 6), onde tudo se resumia em “obter máximo de ventilação para a região quente e úmida e o maior isolamento para a região quente e seca” através da sombra.

Apesar das tentativas, não foi possível responder à demanda, já que os arquitetos se prendiam muito à visão moderna de projetar paredes expostas à chuva e radiação solar, o que certamente aumentaria o custo futuro com a manutenção destes edifícios, que ficaram a cargo do atual Estado guineense.

Em relação ao urbanismo da época, não apenas pela complexidade do crescimento das cidades como Bissau, o próprio planejamento urbano não conseguia responder aos contextos que vão ao encontro das necessidades dos povos locais. Isto ocorreu principalmente pela carência de conhecimento social e cultural dos povos de rios da Guiné e pela herança histórica que já havia proporcionado uma atitude portuguesa do desprezo aos valores culturais nos lugares africanos, onde tendiam a se instalar as suas políticas.

A finalidade de urbanização das cidades resumiu-se aos levantamentos topográficos de Bissau, Bafatá, Varela, Canchungo, Mansoa, Farim, Gabú, bem como esboços para



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

planos de urbanização de Varela, Canchungo, Farim, Mansoa e outras vilas cuja ocupação vem a tornar mais notáveis.

Na concepção de urbanismo dos bairros de Bissau estava presente o espírito colonialista português e o modernismo europeu, isto é, promovia a segregação dos aglomerados de Fidjus di Terra nos bairros adjacentes.

Quando os técnicos responsáveis realizaram os levantamentos topográficos e analisaram as características dos locais de expansão urbanística, nos finais de 1959 e início de 1960, os bairros de áreas imediatamente próximas à cidade colonial de Bissau estavam distribuídos pelos seguintes lugares: Gambeafada, Alto do Crim, Bairro de Santa Luzia, Mindara, Pefiné, Calequir, Reino³⁷ e Cupelon.

CONCLUSÃO

A atual Guiné Bissau foi palco de várias mudanças sociais, comerciais e políticas. Durante toda a sua história, foi marcada por uma emergência na dinâmica de sua transformação, como foi demonstrado na afirmação de diferentes identidades emergentes que foram se construir entre os séculos XIII a XIX. A dimensão histórica nos permite constatar como esse território foi influenciado pelas heranças Malinke, Kaabunke e mais tarde a afro-Portuguesa e Cabo-verdiana nas suas instalações, tanto no interior quanto no litoral, ao formarem povoados com diferentes características, que resultaram dos seus modos de vidas e necessidades socioculturais e econômicas.

Atualmente é possível encontrar assentamentos que demonstram a associação dos materiais que já se utilizavam durante Reino de Kaabu, sem sequer afirmar que estas construções são do mesmo tipo das antigas construções Kabunke, mas, de certa maneira

³⁷ Nome atribuído ao antigo reino de Intim, comandado pelo Issy Insinha Té, que envolvia o território aproximadamente igual à dimensão daquele bairro.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

estas edificações devem assumir uma relação formal e conceitual muito restrita nas suas concepções. Já com relação às construções do dito período colonial, apesar das diversas tentativas, não foi possível responder à demanda, até porque, os projetos para edificações dessa época não atendiam as práticas e necessidades locais. No segundo momento das vilas do chamado período colonial, apareciam arquitetos que se prendiam a visão moderna de projetar edifício com funções não tão necessárias aos povos locais. Referente ao urbanismo do período colonial (1944-1973), que elevou os principais povoados a categoria de vila, não foi possível a compreensão e consideração que permitia uma construção da cidade para atender a demanda da sociedade do lugar, primeiramente pela carência de conhecimento da vivência local por parte dos profissionais responsabilizados pelos projetos e pelo desentendimento com a herança histórica, que já havia proporcionado certo desprezo dos portugueses aos valores culturais dos povos destes lugares. Outra questão está no fato do princípio moderno de arquitetura e concepção da cidade, que pouco resultara da demanda e modo de vida dos grupos sociais em um determinado lugar, prezando pela estética formal e ao valor do material.

Finalmente, tanto a arquitetura quanto a urbanização do período colonial se resumiam a estas questões, como foram aparentadas nas antigas vilas de Bafatá, Canchungo, Mansoa, Farim, Gabú. Assim como os esboços para os planos de urbanização de Varela e de outras localidades, a maioria durante o governo de Sarmento Maria Rodrigues (1945-1950) e os demais governadores da antiga Guiné Portuguesa, pouco antes da luta armada pela independência daquele território. Hoje, a questão de arquitetura e do crescimento de cidade enfrenta uma demanda da importação do tipo construtivo, um desafio a ser enfrentado na administração das cidades, já que carecem de projetos de ordenação territorial e intercâmbio. Isto possibilitaria um encontro de técnicos e construtores tradicionais para melhor solucionar os problemas do crescimento das cidades e de tipos de construções sustentáveis, que atendem as viabilidades



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

econômicas, sociais e ambientais, além de acompanhar as mudanças culturais, através de um processo de gestão participativa e eficiente.

ALGUNS POVOADOS E EDIFÍCIOS

As imagens mostram os assentamentos das margens nos rios da Guiné como o reflexo de diferentes identidades culturais e suas manifestações, através das construções de edifícios em diversos períodos históricos. Os bens se encontram em usos de caráter social, cultural, político e econômico em diferentes lugares, destacando vilas, cidades e edifícios de variados períodos históricos nos Rios da Guiné.

Imagem 1: **Fortaleza de Cacheu**: uma das mais antigas obras construídas pela administração colonial na margem do rio do mesmo nome em 1641.

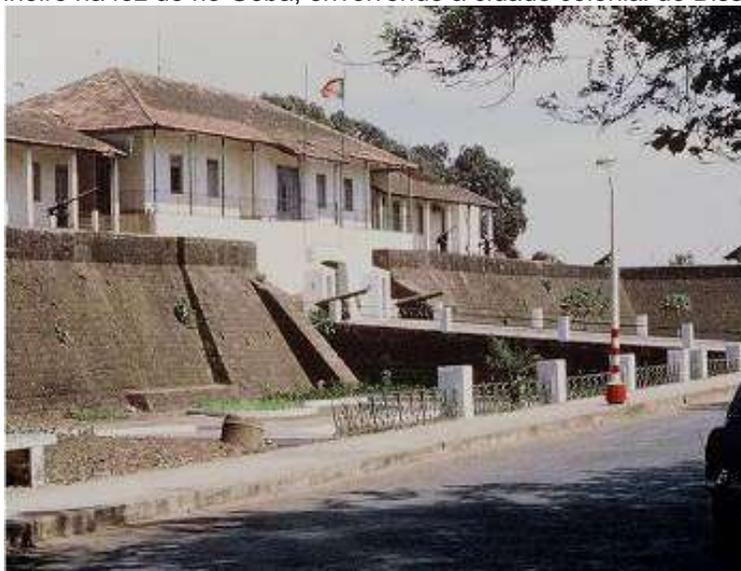


ACÃO para desenvolvimento. 2006. Disponível em: <http://cacheu.adbissau.org/?attachment_id=224 >. Acesso em: 15 set. 2013.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Imagem 2: **Fortaleza São José de Amura**, erguida em 1696, sob o comando do capitão-mor José Pinheiro na foz do rio Geba, envolvendo a cidade colonial de Bissau.



O regresso. Maio 2011. Disponível em: <<http://dulombi.blogspot.com.br/2011/05/p233-o-regresso.html>>. Acesso em: 15 set. 2013.

Imagem 3: **Cidade colonial de Bolama**: primeira capital colonial, a partir de 1879, na ilha de mesmo nome.

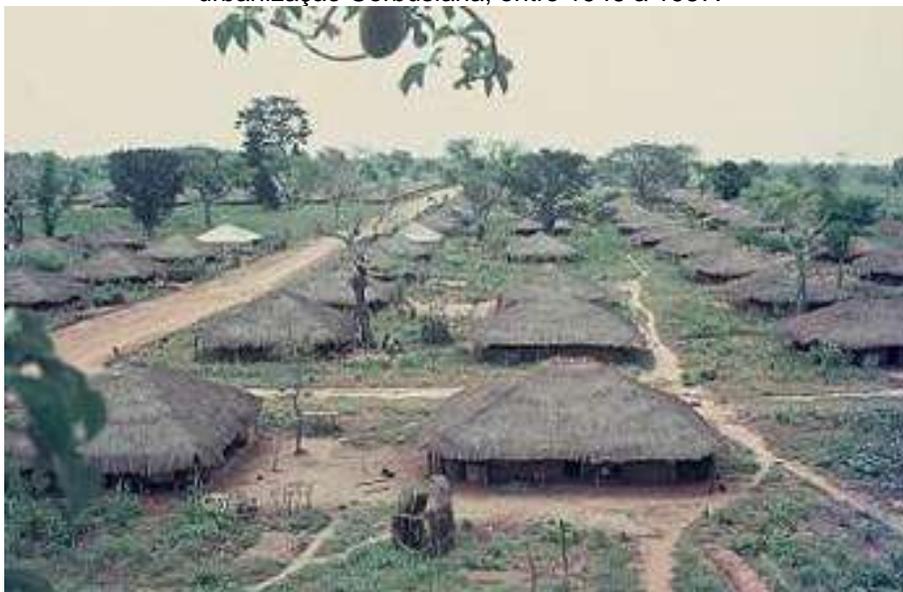


SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL



GUINÉ (1963-1974). Out, 2010. Disponível em:
<<http://blogueforanadaevaotres.blogspot.com.br/2010/10/guine-6374-p2021-blogoterapia-e.html>>. Acesso em: 15 set. 2001.

Imagem 4: **Tabanca de Bissum Naga**: as primeiras intervenções portuguesas influenciadas pela urbanização Corbusiana, entre 1946 a 1957.



GUIMARAES, David J. In: Luis Graca e Camaradas. Marco, 2010. Disponível em: <<http://guine-bissum.blogspot.com.br/2010/03/bissum-anos-19701972.html> >. Acesso em: 15 set. 2013.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Imagem 5: **Casa Moderna do Período Colonial** em 2002: na vila de Mansoa, com elementos marcantes da construção popular portuguesa e a presença nativo da varanda coberta e vedada ao redor da casa, para adquirir sombra e afastar paredes da chuva.



SAPO. 2006. Disponível em: <<http://bcac2885.com.sapo.pt/Mansoa2901RG.jpg>>. Acesso em: 15 set. 2013.

Imagem 6: **Casa Moderna do período colonial com Armazém do comerciante libanês Jamil Nasser em Xitole (2001)**: influenciada pela arquitetura popular portuguesa com método construtivo e material importado no período após a segunda guerra.



GUIMARÃES, David J. Guerra Colonial. 2005. Disponível em: <http://www.ensp.unl.pt/lgraca/guine_guerracolonial2_xitole.html>. Acesso em: 15 set. 2013.



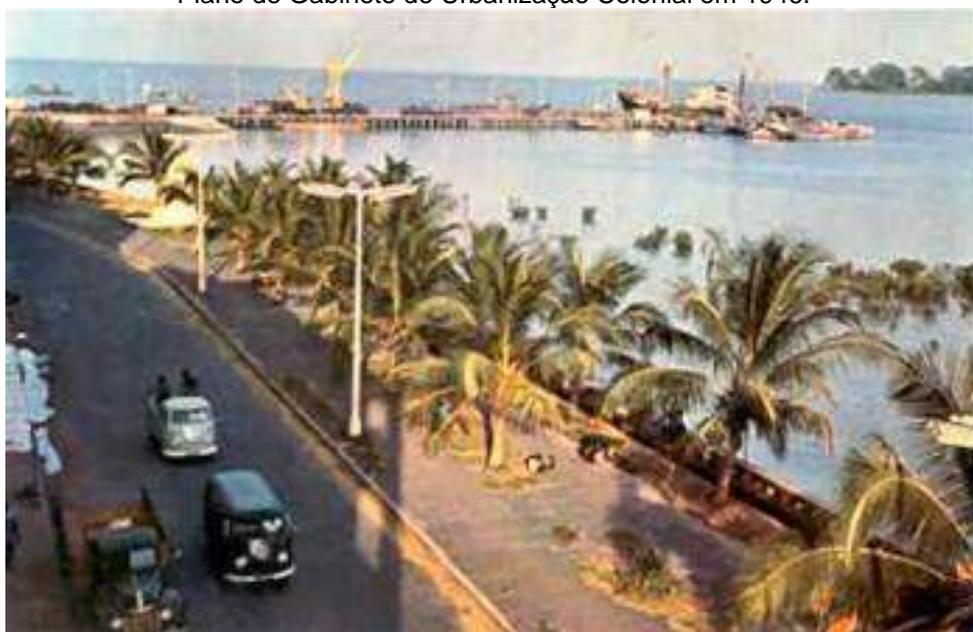
SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

Imagem 7: **Povoação de Farim**: criado por Gonçalo de Gamboa de Ayala entre 1642 a 1647



ARQUIVO Digital. 1969. Disponível em: < <http://ww3.aeje.pt/avcultur/Secjeste/Arkidigi/Farim01.htm>>.
Acesso em: 15 Julho. 2018.

Imagem 8: **Av. Marginal e Cais do Porto Pinjquite ao fundo**: cidade de Bissau depois da execução do Plano de Gabinete de Urbanização Colonial em 1946.



RUMO a Fulacunda: CC 1420 – Guiné 65-67. Abril, 2013. Disponível em:
<<http://rumoafulacunda.wordpress.com>>. Acesso em: 15 set. 2013.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HAMADI, Amor Ben. **Mauritania y España, una historia común: los Almorávides, unificadores del Magreb y al-Andalus (séc. XI-XII)**. Granada: Fund. El legado andalusí, 2003.

CAMPOS, Américo. **História da Guiné em Datas**. 2012. Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6905.pdf>>. Acesso em 27 de Set. de 2013.

CARREIRA, Antonio. **Os portugueses nos rios de guine (1500 - 1900)**. Lisboa: Editora do autor, 1984.

COSTA, Carlos; RESENDE, Mauro. **Guiné-Bissau: o Ambiente Agrícola, o Homem e o Uso da Terra**. Clássica Editora, 1994.

DIAS, Eduardo Costa. **Identidade Kaabunke: um processo de Construção Identitária Sui Generis na Senegâmbia (Islã na África subsaariana)**. In: AFRICAN STUDIA. Atlas do 6º colóquio Internacional. No 6. Porto: Ed. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, maio 2003. Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6905.pdf>>. Acesso em 27 de Set. de 2013.

DIOUF, Mamadou. **Histoire du Senegal: Le Modèle Islamo-Wolof et ses Périphéries**. Paris: Maisonneuve & Larose, 2001.

ESTEVES, Maria Luisa. **A questão do Cassamansa e a delimitação das fronteiras**. Porto: Porto Editora, 1988.

_____. **Cacheu, cidade antiga**. Lisboa: IICT, 1988.

LIMA, Cláudia. **Antigos Impérios Africanos**. In: Bantos, malês e identidade negra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988. p. 16-25. Disponível em <http://www.claudialima.com.br/pdf/ANTIGOS_IMPERIOS_AFRICANOS.pdf>. Acesso em 12 de Nov. de 2013.

LOPES, Carlos. **Mansas, Escravos, Grumetes e Gentio – Cacheu na encruzilhada de civilizações**. Bissau: INEP, 1993.

_____. **Kaabunke: espaço, território e poder na Guiné Bissau (Gâmbia e Cassamance pré-coloniais)**. Lisboa: CNCDP, 1999.



SALVADOR E SUAS CORES [2018]
CIDADES DA DIÁPORA NEGRA, LAÇOS ÁFRICA-BRASIL

_____. **Construção de Identidades nos Rios de Guiné do Cabo Verde.** In: AFRICAN STUDIA. Atlas do 6º colóquio Internacional. Nº 6. Porto: Ed. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, maio 2003. Disponível em <http://www.africanos.eu/ceaup/uploads/AS06_045.pdf>. Acesso em 27 de Set. de 2013.

MILHEIRO, Ana Vaz; Dias, Eduardo Costa. **Arquitetura em Bissau e os Gabinetes da Urbanização Colonial (1944 a 1974).** In: Universidade de São Judas. No. 2. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2º semestre de 2009. Disponível em <http://www.usjt.br/arq.urb/numero_02/artigo_ana.pdf>. Acesso em 27 de Set. de 2013.

MOTA, Avelino Teixeira Da. **As viagens do bispo d. frei vitoriano portuense a guine.** Lisboa: Publicações alfa, 1989.

PAIGC. **A Guiné e as ilhas de Cabo Verde.** Porto: Edições Afrontamento, 1974.

ROUGÉ, Jean-Louis J. **Uma hipótese sobre a formação do crioulo da Guiné-Bissau.**

SORONDA, Jun. Nº 2. Revista de Estudos Guineenses. Bissau: INEP, 1986. Disponível em: <<http://www.inep-bissau.org>>. Acesso: 01/03/2015.

SOARES, Maria João. **Para uma compreensão dos lançados nos Rios de Guiné. (Século XVI - meados do século XVII).** Revista Studia. 56/57. Lisboa: IICT/CEHCA, 2000.